



ADRIANO RANGEL



imagens com espessura



ADRIANO RANGEL

Reflexão 01

A fotografia como uma prática de observação, como ato único no qual se opera e raciocina, através de uma faculdade essencialmente visual e inteligível para construir uma memória cultural futura. Esta define-se a partir de diferentes ângulos de análise, apresentando-se como uma metodologia cujos princípios originam uma unidade complexa, capaz de inscrever a criação de informação, passível de se orientar no sentido da passagem e da propagação (transmissão) do tempo enquanto extensão existencial. Assim sendo, a memória constitui-se como um estádio de protoconhecimento de um presente futuro.

A fotografia pode provocar múltiplas reflexões. No sentido da realidade, ou seja, na direção do verdadeiro e do ilusório, ou também na direção do tempo. Possibilita-nos uma forte abertura do olhar para a textura quotidiana, ou reporta-nos para uma visão do passado. Mas também pode definir uma visão para o futuro. [AR]





Reflexão 02

O que regula o acontecimento vivido e a experimentação documental?

A fotografia deve privilegiar aquilo que organiza a ligação do espectador com as imagens no contexto simbólico. Mais especificamente, dá-se primazia a um contexto simbólico que seja também necessariamente, “[...] um contexto social, pois nem os símbolos nem, mais amplamente, a esfera do simbólico em geral existem no abstracto, sendo antes determinados pelos caracteres materiais das formações sociais que os geram.” (AUMONT, Jacques)

Qual a função da imagem no tempo?

Para além da sua organização simbólica, a imagem enquanto entidade é portadora de informações sobre o mundo conferindo-lhe uma propriedade produtora de conhecimento. Neste caso, a realização documental afirma-se como atividade de produção humana capaz de se relacionar com o real, tornando o documento viável, credível e com capacidade de produção de conhecimento. [AR]



ADRIANO RANGEL

Reflexão 03

A informação oculta (dentro e fora) da imagem forma um espaço de curiosidade com qual o espectador se debate, para incorporar, ativamente, mais informação. Ou melhor, produz conhecimento que resulta de uma experiência cultural decorrente desse campo comunicacional, entretanto, gerado.

Em virtude desses factores, e extrapolando esta condição do “volume da imagem” com o seu significado, torna-se evidente construir uma trajecto (leitura) como processo em movimento (a memória) capaz de antecipar a experiência visual através de um processamento de reinvenção da realidade, com maior rigor atingiremos um estado de memória cultural futura. [AR]





ADRIANO RANGEL

Reflexão 04

Nas sociedades contemporâneas, a concepção de permuta condiciona a comunicação de forma parcial. Na sociedade, gera-se um acordo civil entre as partes abrangidas pelo ato de comunicação. No universo artístico, a fotografia enquanto factor de permuta tem um âmbito enigmático e é tudo menos imparcial; é impenetrável ao feedback do público, originando, portanto, uma aura mítica de imparcialidade em volta da representação.

Com esta concepção parcial do conceito de permuta, entendemos a mensagem como a origem de fundo do ato de comunicar; podemos então, falar numa tarefa eloquente para a mensagem. [AR]



ADRIANO RANGEL

Reflexão 05

A fotografia é um modelo de representação que transporta consigo uma determinada informação, podendo mesmo ser a mensagem propriamente dita; no entanto, é sempre uma representação inacabada. No momento da sua leitura, uma mensagem fotográfica subordina-se a uma origem exterior de condições e propósitos, sendo o sentido dessa mensagem fotográfica estabelecido pelo seu âmbito de criação e difusão, criando-se uma tensão no campo da comunicação.

A fotografia transmite-se como um processo de “conexão” com o tema oculto ou subentendido e, nesta medida, ela é um estrutura de enunciações implícitas. Por isso, a fotografia remete-nos para o campo da leitura, podendo associar-se-lhe um texto, que atribuirá um sentido complementar ao discurso, conectando a mensagem com a informação oculta. Podemos assim conceber uma conjuntura de discurso no qual as fotografias se apoiam num envolvimento com a palavra escrita e/ou falada. [AR]





Reflexão 06

Quando, através da fotografia, se propõe a alguém que aquilo que nela está representado seja a realidade (ou uma sugestão desta), o que de facto se está a propor, é que o observador proceda à leitura daquela entidade visual. Ao fazê-lo, ele está a estabelecer relações metafóricas entre os elementos tridimensionais da realidade dos objetos e das paisagens, e entre os elementos bidimensionais contidos na fotografia. Neste caso, a leitura resulta, tanto do ato de observar, como da possibilidade de relacionar a iconografia com o sistema real circundante e essa observação assume-se, então, como um ato de produção de conhecimento.

A fotografia não se limita a constituir uma prova documental da realidade. Por isto mesmo, também ela pode ser um meio promotor de competências capazes de fazer com que cada sujeito possa compreender e usar a informação encerrada num objecto visual, no sentido de ampliar saberes e potencialidades capazes de o fazer participar, de forma estimulante, na sua relação com o grupo e com o mundo. [AR]



ADRIANO RANGEL

Reflexão 07

O espectador é convocado para mensagens que se (des)dobram quanto à sua codificação no presente e/ou no futuro. É também nesta medida que é possível afirmarmos que as questões da memória, da sociedade e da cultura podem ser lidas do particular para o universal. Dado que o modo de percepção para o qual o espectador é convocado remete para uma diversidade de interpretações, a obra fotográfica é produzida com múltiplos sentidos, evoluindo a partir de uma variedade de tendências multiculturais e até antropológicas. Por isso, a imagem constitui-se assim como um objecto de cultura visual, dimensionado por um conjunto de propriedades, entre as quais se estabelecem relações que se definem no tempo – reflexão, forma, modo de ser e valores de verdade.





77

ADRIANO RANGEL

Adriano Rangel [1952]

Professor doutorado e investigador da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Diretor do Departamento de Design da FBAUP e diretor do Mestrado em Design da Imagem (Universidade do Porto).

Foi um dos editores fundadores de “A Página da Educação” na qual se manteve durante 17 anos.